

OLHAR A FENESTRA: DO JULGADO AO VIVIDO

Douglas de Paula
Universidade Federal de Uberlândia

ISSN 2316-6479

Resumo

O presente texto propõe apresentar a poética do projeto artístico “*Fenestra*”, por meio de leitura de seu próprio autor, na forma de fruição imaginada na qual se busca atravessar as camadas dessa obra até chegar a seu aspecto mais primordial. *Fenestra* prevê intervenções artísticas que pretendem sinalizar um contexto urbano em que as janelas de cômodos apontadas para a rua podem tornar-se passagens para o mundo íntimo daquele que olha a partir do espaço público, convertendo, talvez, o transeunte em sonhador.

Palavras chave: Janela. Urbano. Fruição. Memória. Virtual.

Abstract

This text propose to show the poetics of the artistic project “*Fenestra*”, by means of its own author reading, an imagined fruition in which he tries to intersect the layers of this artistic work until reach its most crucial aspect. *Fenestra* is about artistic interventions in that is wanted to signalize an urban context of windows pointed to the street which can be transformed into passages to the intimate world of one who observe from the public space, perhaps converting the passer on dreamer.

Keywords: Window. Urban. Fruition. Memory. Virtual.

1 Introdução

A obra cuja leitura proponho neste texto é de minha autoria e compõe minha pesquisa de doutorado sobre estética, mediação e o espectador. Intitulei-a *Fenestra*, uma palavra que vem do latim e referencia “uma abertura, usualmente coberta por um ou mais painéis de vidro transparente que permite a entrada da luz vinda do exterior para dentro de um edifício ou veículo” (JANELA).

Com *Fenestra*, proponho intervir em janelas apontadas para a rua, para o espaço público, da seguinte maneira: uma tela (de tecido ou papel translúcido) é colocada na abertura correspondente à janela; um projetor é instalado no interior da sala, apontando para a janela, de forma que possa atravessar em parte a tela translúcida e fazer-se vista do exterior, a partir da rua, a partir da calçada. A imagem projetada corresponde a uma imagem de síntese, completamente feita a partir do computador, e simula uma cortina na qual desfilam o que poderíamos chamar de “quase eventos”. Intervenções assim realizadas já tiveram lugar nas

idades de Uberlândia e Brasília e sua documentação em vídeo encontra-se disponível em <http://vimeo.com/channels/fenestra> (FENESTRA).

Com a fruição imaginada que proponho neste texto, pretendo abrir campo para uma investigação estética da relação da obra com o espectador. Dessa forma, entendo que o primeiro passo é buscar colocar a mim mesmo no lugar desse espectador, sem o que não poderiam ser construídas hipóteses para um próximo estágio da pesquisa: sondar o próprio espectador a partir da construção de instrumentos apropriados.

No depoimento que se segue, espero ter sido minimamente capaz de atravessar algumas camadas dessa obra, até chegar à camada fenomênica.

2 Na pele do espectador

Penso que olhar uma imagem é retirar camadas em nós mesmos. Tentemos, então, olhar a *fenestra* que idealizei, essa ficção de uma janela cortinada voltada para a rua, formada pela projeção de uma imagem de síntese animada num tecido translúcido. Uma imagem que desfila animações sutis, quase eventos. Contudo, por ora, preciso esquecer-me de tudo isso, preciso abandonar o artista que criou tudo isso, preciso tornar-me um outro e ter de novo a visão dessa *fenestra*, a visão de um espectador.

Entremos nessa ficção então: a partir de agora, não sou mais o artista, sou o passante, estou na rua, sozinho, tarde da noite. Puxo da memória a cidade em que vivo. O que tenho? Muros, portões fechados. As janelas para a rua tornaram-se raras, mas ainda as podemos apreciar nas alturas, nos apartamentos.

Encontro, então, a *fenestra* do artista, mas não sei que ela é do artista. A priori, é uma janela cortinada, pode ser qualquer janela cortinada da cidade. Lá está ela, evidenciada por uma luz acesa no interior... Move-se suavemente, ritmadamente... Suspeito... Sigo em minha observação... Continuo a fitá-la porque, posso tentar não ser mais o artista, mas, ainda sou eu e janelas opacamente luminosas são sempre encantadoras para mim: as procuro... Procuro porque, sim, quero sonhar com elas, ou antes, sonhar nelas... Recordemos que, nesse exercício imaginativo, estou só na rua, indo para algum lugar, tarde da noite... Não tenho com quem dividir minhas impressões e elas irão retumbar em mim...

3 Ver pelo que se julga saber

A pergunta que vem então é: o que poderia haver de representacional nessa *fenestra*? Nesse sentido, sou tentado a evocar o que Didi-Huberman (1988, p. 37-56) chama de homem da crença e homem da tautologia.

Talvez, o homem da crença quererá ver, nas sombras e reflexos da *fenestra*, fantasmas, espíritos, fenômenos sobrenaturais. Ou seja, o que ele vê remete apenas para um além do que ele vê, é puro símbolo¹.

Possivelmente, o homem da tautologia julgará saber o que vê: os reflexos da janela podem ser a incidência dos fenômenos luminosos no vidro da janela, podem ser resultantes das alternâncias luminosas de uma TV ligada no interior do cômodo, ou de uma lâmpada em mau funcionamento; as sombras são para ele o resultado natural da movimentação dos corpos que figuram no interior do cômodo. Seriam, no máximo, índices.

Assim, ele pode ser também o homem do Renascimento, quando imagina o espaço perspectico que se desdobra por trás dessa janela, quando imagina os corpos cujo encontro dos contornos com uma luz interna desenham as sombras na cortina. Então, a *fenestra* proporia uma vista para o interior semelhante à vista para o exterior que nasceu com a introdução da janela nas pinturas do século 14, na Itália, e, no século 15, nos Flandres, como nos lembra Dias (2010, p. 140) citando Alain Roger. Ela seria, nesse sentido, uma outra veduta, “uma vista que seria a reprodução de um aspecto da realidade natural” (MILANI, 2005 apud DIAS, 2010, p. 139).

Muito possivelmente, Merleau-Ponty (1971, p. 50-77, 211-248) deixaria dizer que esse homem tomou o fim pelo começo, esqueceu que só supôs o espaço e os personagens por trás da janela porque viu na cortina essas sombras e reflexos. Esse homem diria que os objetos antes e atrás da cortina são a causa daquilo que vê, esquecendo-se que só os presumiu a partir do que se desdobrava na pele dessa cortina: para a percepção, tudo começou nessa pele, nessa tela. Então, com Merleau-Ponty, seria seguro afirmar que essas sombras e reflexos não seriam causa, mas, sim, origem.

4 Pelo olho morto do *voyeur*

A partir de tudo o que, na pele desse homem da tautologia, adivinho por trás da cortina, posso ainda assumir a pele do *voyeur*. A cortina ganha então contornos de suspense, torna-se guarda-corpo. Como *voyeur*, a janela, vista da rua, me dá acesso ao mundo do outro, posso observar sua vida, tomar posse de toda uma narrativa. Então, agora, sou esse observador à espera de que algo se produza e me desperte, como aponta Wajcman (apud DIAS, 2010, p. 162), “para

1 Vale esclarecer: em meu entendimento, o homem da crença de que o autor fala busca um além da imagem que não está nela, é puro símbolo, pura arbitrariedade. O virtual de que Didi-Huberman fala é memória, imaginação, mas uma memória que é resgatada por um fator sensório, ou seja, é algo que está por assim dizer materialmente incrustado na obra e é ao mesmo tempo capaz de levantar toda uma potência, todo um extenso devir. O além para o qual o homem da crença parece remeter-se não encontraria, então, ligação com um fator sensório imanente na obra.

uma observação talvez suspeita, mal-intencionada ou carregada de esperança”. Desejarei que as cortinas se abram, estarei ansioso por uma vista livre.

Mas o que vem depois se a cortina se abre? Posso imaginar que satisfaria minha curiosidade, me fartaria com cenas bem definidas, um sítio claro, uma narrativa legível. Talvez, isso bastasse... mas, para o sonhador, não haveria morte maior que abrir a cortina: seria ver cair por terra todo o devir, toda a potência de vir a ser, toda virtualidade. Se a cortina se abre, atravesso a janela, essa abertura, essa película, a *fenestra*, para ver o outro e sua vida e, na verdade, mais nada ver... Logo, desejarei ver na *fenestra* algo do branco que Didi-Huberman (1990, p. 32) vê na Anunciação de Angelico...

5 Ver por dentro

Então, tento concentrar-me naquilo que vejo da *fenestra*, no que ela é diante mim, essa cortina, esse parede, essa nuvem, pura opacidade. Talvez, como o historiador que, segundo Didi-Huberman (1990, p. 23), se decepcionaria com o afresco de Angelico, acostumado que estaria com a profusão estilística das Anunciações do Quatrocento, eu me decepcionasse com o pouco que a *fenestra* me dá, acostumado que estou com a profusão visual que assola o cinema, os videoclipes, os cartoons, os seriados e comerciais de TV.

Então, será preciso voltar “ao mais simples [...] às evidências obscuras do começo”. Será preciso “deixar por um instante tudo aquilo que acreditamos ver porque sabíamos lhe denominar, e voltar, a partir de agora, ao que nosso saber não pode esclarecer” (DIDI-HUBERMAN, 1990, p. 26, tradução nossa).

Abandono então tudo o que julgava saber, volto a mim mesmo, o sonhador do começo, volto ao momento em que me deparei com a *fenestra*, ao meu “diante dela”, sozinho, tarde da noite, indo para algum lugar, ou, antes, buscando um lugar... O que vejo então? Delicados gradientes verticais, parcas manchas de luz, de sombra... é o que, de fato, vejo... Nem mais, nem menos, somente... O leve balançar de suas franjas... Ela relampeja, faísca e anoitece... Adivinho adensamentos, distensões, uma tempestade, uma cortina apenas, sim, de fumaça, de tudo, de tudo que pode formar-se e disformar-se... Reflexo, brilho estelar, sombras espessas, sombras sorrateiras, a noite negra... Nada vejo para tudo ver... Agora, sim, encontrei a *fenestra* como a queria, não paro antes dela, nem a atravesso, permaneço em sua “espessura”...

A *fenestra* barra o olhar, é cortina simulada, lembremos... Ora, ela apenas ondula suavemente e é pura parede... Parede? De repente, ela parece tornada nuvem, a nuvem de que Dias (2010, p. 154) nos fala... Pareço reentrar por suas sombras verticais, tornadas fendas, fendas da memória... Finalmente a fito e

permaneço profundamente em mim, me encontro com todas as janelas da infância, observadas, esperadas: antes de adentrar a casa que se vai visitar, a casa do estranho, a casa do louco, a casa da avó, a casa das brincadeiras com irmãos e primos, a casa do aconchego, a minha casa, a casa abandonada, a casa da bruxa... a casa do outro, a casa que jamais verei por dentro, a casa em que jamais vou entrar... a casa aonde jamais voltarei... a casa que, um dia, será a minha... todas elas estão lá na *fenestra*, de uma só vez, em aura, como nos diria Walter Benjamin (apud DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 149), desdobradas para além da visibilidade.

Às vezes, uma sombra vaporosa aparece na *fenestra*. Às vezes, sombras negras escorrem sobre ela... As sombras podem ser várias coisas e parecem abrir grandes buracos de noite nesse cortina, buracos em que posso mergulhar... ela é rasgada de memórias, de virtual, de devir... Os rasgos da *fenestra* trazem então uma espécie de noite. Mas, lembremos, há também reflexos, mas são reflexos que cegam, que não deixam ver, reflexos que são nuvem, reflexos brumosos, nos quais também posso entrar e ver dentro de mim...

Ora, não é esse o virtual de que Didi-Huberman (1990, p. 24-26) nos fala quando afirma que o espaço no afresco de Angelico foi reduzido a puro lugar da memória? Que ultrapassa o que o autor chama de visível, legível e invisível? “Que tira dessa espécie de negatividade a força de um desenvolvimento múltiplo, permite não uma ou duas significações possíveis, mas constelações inteiras de sentidos”? (DIDI-HUBERMAN, 1990, p. 27-28, tradução nossa), essa memória virtual de que o autor nos fala? Voltamos então ao espaço, já que, para Halbwachs (2006, p. 171-172), a memória forma-se e sustenta-se a partir dele.

Voltando à pele do artista, lembro então que *Fenestra* nasce de uma inquietação relativa ao espaço: é porque não encontro mais as janelas para as ruas, da infância, das cidades pequenas, que inquieto-me: elas estão em desaparecimento. E não deveria ser novidade para mim: Halbwachs (2006, p. 161) já alertara sobre como as pessoas apegam-se ao espaço, o tomam como referência e até toleram outras perturbações se seu espaço e suas localizações se mantêm.

Conclusão: diante da *fenestra*

Assim como Didi-Huberman (1990, p. 31-34) chega ao branco do afresco de Angelico como algo que, segundo o autor, quanto mais é visto em sua materialidade, mais provoca uma memória virtual, algo vivido, uma presença, “a própria manifestação do mistério, do intangível” (tradução nossa), desejarei aceder à *fenestra* no seu “em si, diante de mim”.

A minha *fenestra* não é uma janela comum, lembremos: ela é o simulacro de uma cortina realizado no computador sem referência ótica externa. Cortina? Não,

ela só se torna cortina quando adere ao tecido que antepara a janela por dentro. Na verdade, ela é apenas uma sobreposição das mais puras gradações de claro e escuro que parece pulsar... em suma, estaríamos diante de uma ilusão, uma imagem que só apreendo como cortina porque ainda não a retomei em seu nascedouro para mim, a tomei pelo contexto e pelo que normalmente vejo nesse contexto.

Talvez, um pouco de contemplação e silêncio me ajude a retomar a primeira emergência da *fenestra* para mim, uma imagem projetada que pulsa, uma imagem-luz que atravessa a tela-tecido. É a luz a matéria de *Fenestra*. As franjas da cortina não existem, a projeção é feita em tecido plano, as ondulações dessas franjas são gradações de luz em movimento, o movimento está na imagem projetada, não no tecido. É essa pulsação luminosa que está diante de mim. Mas essas observações parecem pura racionalização do artista que conhece a máquina-processo sobre a qual a obra acontece. De fato. Contudo, vejo mais como uma coincidência irônica: ou seja, a imanência da obra parece coincidir exatamente com sua própria articulação física, o modo com que a concebi, o meio a partir do qual ela tornou-se possível, sensorial.

Então, se, como simulacro de uma cortina essa imagem já foi capaz de levantar uma rede de virtuais, de memórias, sinto que, vendo-a como simples pulsação luminosa², essa rede de memórias parece tornar-se ainda mais vasta, mais profunda e indefinida, contudo, ainda mais potente em apontar uma qualidade que sou capaz de sentir. Essa rede de memórias mais indefinida, confesso, é mistério para mim, de modo que, a partir daqui, só posso especular sobre ela... Estaria essa pulsação luminosa a me remeter aos instantes de vida em que o espaço se fez para mim, num ponto da infância? Seria generalizável a minha sensação de que a infância seria um período da vida mais favorável à emergência perceptiva do que Gaston Bachelard (1978, p. 272) denomina de “forma viva”? Poderia essa “forma viva” explicar o terror que algumas crianças parecem experimentar diante de um quase nada visível? Tal como um reflexo no guarda-roupas lustroso da mãe?

Então não sei denominar que virtual ou que rede de memória é essa a que a *fenestra* me remete, posso arriscar dizer que são de uma infância, de algo que passou, que foi para mim, mas que, ao mesmo tempo, persiste, insiste, ainda está aqui, comigo... esse puro choque do que está diante de mim, que toca meus sentidos de forma pungente, e um “não sei quê”, uma espécie de fenda por onde tudo está sempre a escapar...

2 Enfatizo mais uma vez: uma coisa é ver essa cortina como pulsação luminosa porque a sei assim, já que a concebi. Outra coisa é percebê-la, senti-la como pulsação luminosa. É dessa segunda percepção que falo agora. Ou seja, tenho de ser capaz de, como artista, abandonar, tentar desconhecer, as engrenagens da obra, para abordá-la como espectador e ter o fenômeno diante de mim.

Poderiam as imagens projetadas a partir do computador dar-nos interfaces-lugares, capazes de definir a luz como espaço vivente e a viver? Se, hoje, o espaço racionalizado parece ceder novamente lugar a um espaço vivido que foi sendo apagado a partir do Renascimento, poderíamos ver, em algumas apropriações feitas das imagens-luz do computador, algo da luz que atravessava os vitrais das igrejas góticas na Idade Média?

Adivinho então que *Fenestra* resgata a memória de espaços vividos, amparada numa vasta e indefinida rede de virtuais. Contudo, ela mesma torna-se, também, espaço vivido, densidade, espessura, lugar...

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DIAS, Karina. *Entre Visão e Invisão: Paisagem* [por uma experiência da paisagem no cotidiano]. 1. ed. Brasília: Programa de Pós-graduação em Artes / VIS da Universidade de Brasília – UnB, 2010.

DIDI-HUBBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Devant L'Image*. Paris: Minuit, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 1. ed. São Paulo: Livraria Freitas Bastos S. A., tradução de Reginaldo de Piero, 1971.

Documentos eletrônicos

FENESTRA. Disponível em: <<http://vimeo.com/channels/fenestra>>. Acesso em: 24 mar 2014.

JANELA em latim. Disponível em: <<http://pt.glosbe.com/pt/la/janela>>. Acesso em: 24 jun 2013.

Minicurrículo

Douglas de Paula é professor de mídias contemporâneas do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia - UFU -, mestre e doutorando em Arte pela Universidade de Brasília - UnB - e graduado em Ciência da Computação pela UFU.